

Um empresário interpartidário

Um dos mais bem sucedidos empresários de Brasília, Luis Estevão de Oliveira Neto, presidente do Grupo OK, tem participado ativamente do processo eleitoral no Distrito Federal, embora não dispute um mandato parlamentar. Seu engajamento é indireto, apoiando candidatos de diferentes partidos, através de suporte financeiro para a eleição de alguns dos próximos representantes brasileiros na Assembleia Nacional Constituinte.

Nesta entrevista ao **CORREIO**, Luis Estevão elogia o nível dos candidatos desta primeira eleição da capital, fala sobre as expectativas dos empresários com relação à futura Constituição e defende a participação de todas as correntes de pensamento, inclusive das esquerdas, na Constituinte. Segundo ele, o Partido dos Trabalhadores tem uma visão "miope" do processo econômico brasileiro, ao incluir o empresariado entre os responsáveis pelas injustiças sociais.

Em Brasília, os empresários apóiam empresários candidatos? Não necessariamente. Seria uma forma muito estreita de ver o papel de uma Assembleia Nacional Constituinte. E inclusive para o próprio empresário seria muito ruim se a Constituinte fosse representativa de um só segmento de pensamento, no caso o empresarial. Eu acho que se a gente quiser que o Brasil parta para um estado de direito duradouro, com instituições que sejam preservadas por um longo tempo, é importante que a Constituinte seja representativa daquilo que realmente o Brasil é, com possibilidade de manifestação de todas as tendências.

Você defende inclusive a participação dos trabalhadores, ou melhor, do Partido dos Trabalhadores?

Tranquilamente. Acho que a presença dos trabalhadores na Constituinte é indispensável, porque é um segmento importantíssimo dentro da estrutura social brasileira e de qualquer país. E seria acreditar em uma fantasia (e uma fantasia muito triste) tentar alijar a classe trabalhadora de uma Constituinte.

Mas vocês estão em campos opostos e defenderão interesses contrários...

Se houve e se há erros hoje na estrutura social brasileira, ela se deve a todas as partes. Não é o empresário quem faz o modelo econômico e social. Quem faz isso, na verdade, é a classe política e, no Brasil, foi a ditadura militar que governou o país nesses anos todos. O empresário ocupou espaço importante na economia brasileira, embora o Estado tenha se metido a ser empresário e sufocou muito a capacidade da iniciativa privada de atuar.

Mas o empresário ocupou este espaço com competência e a economia brasileira, bem ou mal, é hoje a oitava do mundo ocidental e se hoje o Brasil é um país com problemas muito sérios do ponto de vista social, a responsabilidade é das elites dirigentes (políticos e governo). O grande desafio é que ele se torne realmente um país com melhor condição de vida e distribuição de renda. Nisso aí não há conflito entre trabalhadores e empresários. Os trabalhadores, naturalmente, defendem uma melhoria da situação da classe trabalhadora nesta pirâmide social. E qualquer empresário de bom senso tem que defender esta ascensão social, porque, do ponto de vista empresarial, o Brasil só será um país forte quando tiver 60 milhões de adultos — desta população de 135 milhões de habitantes — que possam ser efetivamente consumidores do mercado brasileiro.

Quer dizer que o crescimento das esquerdas não ameaçam o empresariado?

Não tem nada que eu defenda que esteja ameaçado. A gente não pode buscar a unanimidade no Brasil. Todo discurso de centro, esquerda ou de direita tem pontos de vista divergentes. A própria esquerda se apresenta sob várias formas, com várias propostas, algumas delas divergentes. Então o que é o pensamento de esquerda, puro, no Brasil? É muito difícil você definir. O que existe é a luta da esquerda em torno de temas sociais, e como nós temos uma Constituinte renovada em relação ao atual Congresso é importante que haja um segmento grande dela radicalmente preocupado com o problema social brasileiro, que é o maior do país.

Qual a sua expectativa com relação à bancada de Brasília?

E a primeira eleição da história de Brasília e a cidade não tem forças políticas sedimentadas. Mas acho que o nível da campanha é bom e o nível de representação política que o DF elegerá é compatível com qualquer outro estado brasileiro. Acho até que Brasília tem uma tendência de se revelar um dos estados com maior grau de politização e com participação muito expressiva nesta Assembleia Constituinte.

Você não pode analisar uma bancada a partir da

sair de um regime autoritário para um regime democrático praticamente sem traumas para a sociedade brasileira. Acho que este mérito histórico tem que ser creditado ao PMDB. Se você analisar a história do mundo, vai ver que as revoluções são mais fáceis de iniciar do que terminar. Sem dúvida alguma, o papel do PMDB neste processo de transição foi historicamente da maior importância. Uma façanha que poucos países no mundo conseguiram fazer. E o PMDB foi o grande condutor deste processo e, aliado a toda a sociedade brasileira, conseguiu ser o artifice deste processo de transição.

O que os candidatos apoiados pelos empresários de Brasília defenderão na Constituinte?

Não só os empresários, como toda a sociedade brasileira conhecem os problemas da cidade. Habitação, emprego, transporte coletivo, educação, saneamento básico e os problemas gerados pelo fluxo migratório. A solução para estes problemas passa, em primeiro lugar, pela solução dos problemas nacionais, porque na medida em que se propiciar uma maior fixação das pessoas em seus estados de origem, este fluxo migratório para Brasília diminuirá e a pressão social sobre a capital também.

Em segundo lugar, tem que haver uma solução para

Luis Estevão



Desafio é distribuir melhor a renda de quem produz

análise de indivíduos. A bancada tem de ser analisada como um todo e, mais do que isto, a discussão tem que ser em torno das lideranças políticas. Há pessoas que não vão se eleger na Constituinte, mas que vão abrir espaço para uma futura eleição, espaço conquistado em torno de propostas sérias, com um grau de politização muito alto. A média das propostas dos candidatos potencialmente eleitos é muito boa. E é muito arriscado, hoje qualquer um de nós afirmar que alguém esteja

eleito em Brasília.

Você considera alto nível uma pessoa fazer promessas mais condizentes a um candidato a vereador, por exemplo?

A gente não deve se impressionar muito com o discurso às vezes de vereador que os candidatos de Brasília são obrigados a fazer. Porque, na verdade, como Brasília não tem Assembleia Legislativa ou Câmara de Vereadores, o candidato, para se eleger, precisa levar uma mensagem que responda aquilo que o eleitor está esperando. Ele tem que preencher esse vazio político da cidade e é obrigado a tornar-se, por alguns momentos, deputados e vereadores.

A nível de militância partidária, você está mais ligado ao PMDB, por quê?

Por uma série de razões. O PMDB se posicionou de forma muito correta ao longo de todo este processo revolucionário. Acho que é responsável por uma das maiores façanhas da vida política brasileira, que foi

as pessoas que já estão aqui e isso passa, obrigatoriamente, pela melhor oferta de emprego. Há uma série de teses em discussão, mas uma delas, já tão discutida e aprovada, é a industrialização do DF. Brasília é um pólo indutor de desenvolvimento e a industrialização, aqui, é uma consequência natural. É lógico que uma industrialização feita dentro de princípios e regras bem definidas, para que Brasília não sofra distorções do seu projeto inicial.

Mas acho que esta Constituinte terá notadamente o cunho da discussão do problema social brasileiro. E por uma razão muito simples: este realmente é o maior problema do Brasil hoje. A grande temática será a distribuição de renda, o problema da melhoria da qualidade de vida e de assegurar ao brasileiro oportunidades iguais perante a sociedade. Acho que o problema do papel da iniciativa privada vai ser largamente discutido e a reforma agrária tem que ser debatido com muita seriedade.

Você apóia o Plano Nacional de Reforma Agrária?

A reforma agrária no Brasil é indispensável. Você tem um país com a extensão territorial do Brasil e com uma quantidade enorme de terras aproveitáveis para a agricultura, que estão improdutivas. De outro lado, tem uma quantidade enorme de pessoas desejando se tornar empresários rurais e que não têm acesso a esta terra. A conjugação disso se faz com uma reforma agrária. Mas o grande desafio da reforma agrária não é político, e sim financeiro. E este é o maior desafio que o governo enfrenta para implantar a reforma agrária.